

PREFÁCIO

Mares à deriva de uma mesma nau

*Um mundo sem
A dispersão de inflorescências
Sem uma lua entviada
Me pirarita
De miúda inclinação*

*(...) devo me esforçar para ver
Os poucos brotos que esta idosa árvore
Laboriosamente abriu –
No páthos sonos tui e pergunto-me
Mais quantas primavera nos encontramos aqui.*

Salgyo
“Poemas da cabana montanhesa”,
Japão, século XII

Depois de Jung já não estamos sós... um verdadeiro cortejo de personagens, complexos e construções psíquicas nos habitam o corpo: *seif*, *persona*, *anima*, *animus*, os mais variados complexos, a sombra, etc. Freud ainda nos parece um pequeno arremedo (inicial e necessário) da aproximação ao inconsciente. No entanto, ao menos na tradição ocidental, não foram tão poucos os que já intuíram essa pleora habitando nossos pensamentos e nossos sentimentos. Mais difícil ainda que tentar compreendê-los (explicá-los é obsessão neurótico-compulsiva ocidental), me parece ser expressar essa multiplicidade de “eus” que se recobrem à multiplicidade de “nós”, no entrecruzamento de nossas existências; diria Merleau-Ponty, na carne do mundo.

Pergunta o poeta de formosos wanka (estilo poético nipônico de cinco versos) em nossa epígrafe: “quantas mais primaveras nos encontramos aqui?”. Já sinalizando que é no páthos que nos encontramos. No sofrimento do mundo ou mais precisamente (tentando minimizar os mecanismos

de culpa da tradição judaico-cristã) na sofreguidão de sentir o Outro e com o Outro. E aqui já nos instalamos nesse universo de fráguas e impressões flutuantes na sensibilidade, do sensório, da sensação e da sensualidade. Mesmo o arauto da modernidade ocidental, Immanuel Kant, em sua obra final, afirmaria que a sensibilidade é a base do conhecimento. Como não reconhecer que os sentidos de nossa percepção se aderem ao mundo muito antes que a razão reflexiva acorde e se levante de seu leito de modelos, teoremas, esquemas e pretensa e gorda “verdade” para tentar dar caráter de “sistema” e “axiomas” aos devaneios de uma descajante sensibilidade que se adiantou aos mares possíveis, numa entrega amorosa de corporeidade e água primordial (thalassal, diria Sandor Ferenczi), ou mesmo e melhor Clarice Lispector, ao descrever a mulher que se entrega, na madrugada, uma e mesma matéria, entre as espumas que balouçam entre suas coxas e a recolhem aos braços da líquida pereneça? Que equação algébrica ou linguística pode dar conta desta pele?

Como seguir negligenciando as evidências e vidências desse “vector” insuperável da sensualidade do pensamento quando é mais vigoroso que rigoroso? Aqui nos instalamos, com rede de balanço e uma pedagogia do espreguiçamento (alargamento do Ser), sendo fiéis a uma alma afroameríndia, numa razão sensível. Uma lua enuviada que me garanta a melancolia necessária, espécie de *phantasmakon* que restabeleça nossas mediações necessárias com uma dimensão da existência que foi submergida pela racionalização crescente no Ocidente modo de ser: menos dispêndio de energia e mais resultado.

Improdutivos concentrando nossas almas na Graça dos encontros e desencontros, num “se calhar...” – ou ainda, como diria José Carlos de Paula Carvalho se referindo a Jung: “se o Destino for benevolente...”; estamos na nau que recolhe as derivas dos mares possíveis... aqui se encontra o excelente trabalho de Rogério de Almeida, competente professor e investigador dos processos simbólicos, do mítico, da sensibilidade, do imaginário numa prática vivencial de educação muito mais “sentida” do que “cindida”, como sói acontecer na descrença dos escolacentrismos.

Este delicioso texto, plural como seu desejo de investigação (me recuso a ceder aos “objetos de pesquisa”), os heterônimos do grande poeta Fernando Pessoa, resulta de sua tese de doutoramento, da qual tive o prazer de ser interlocutor em sua gênese, desenvoltura e defesa, sob a orientação

de nossa saudosa e indispensável Helenir Suano, que, além de educadora e pesquisadora, cofundadora do Cice – Centro de Estudos do Imaginário, Cultura e Educação (da Faculdade de Educação da USP), fingindo às esquivas reinantes no universo acadêmico, exercia também seu potencial criativo e artístico numa série de obras de pintura (óleo sobre tela, aquarelas, etc.) e bordados primorosos, com aquilo que Bachelard chamaria de devaneios brincantes de uma imaginação formal; e a quem Rogério de Almeida, singelamente, dedica esta obra.

Rogério de Almeida, amigo de vinhos e deliciosas tertúlias músico-filosóficas, numa ética epicurista de gestão de outros tempos no interior dos tempos de violência e barbárie que invadem nossas janelas; agora também colega de departamento na mesma faculdade, com quem dividimos a coordenação do Lab_Arte – laboratório experimental de arte-educação e cultura, além do grupo de pesquisa Geiféc – grupo de estudos sobre itinerários de formação em educação e cultura; é pesquisador de uma nobre estirpe de rebeldes inclassificáveis que vão desde Gilbert Durand, o próprio Fernando Pessoa, Machado de Assis, Clément Rosset, Nietzsche, entre outros que nos garantem oxigenação ao nosso *modus operandi* de uma reflexão-sensível, rigorosa e ao mesmo tempo poética (tanto no sentido de criativa como em sua capacidade de expressão sensual), sem se fecharem a determinados guetos ou seitas. Por isso, sua filiação, talvez mais “precisa” (antes das “cisões”) à filosofia trágica (como aceitação da vida e todos os seus desdobramentos) – a mesma que compartilha a natureza radical dos mitos.

Um grande pensador ucraniano que me inspira, particularmente, e que Gilbert Durand alinha na anti-história da antifilosofia – e eu alinharia na antipedagogia de uma verdadeira educação – é Nikolay Berdyaev (1874-1948), que se autointitulava um “anarquista religioso”. Epícteto que assumo em minhas posturas e que, acredito, poderia se adequar também ao trabalho de Rogério de Almeida, ainda que sua condigão de “religiosidade” se efetue e se exerça mais concretamente no “sagrado” da literatura e do cinema, possibilidades de “re-liquação” contemporâneas; mas seu trãnsito livre entre os autores e seu diálogo profundo e pertinente com eles, sem os clausuros de celas monásticas epistemológicas, me permitiriam chamá-lo, igualmente, de “anarquista”. O mesmo Berdyaev dizia que, ao exemplo de Dostoiévski, queria ser “um criador do mito do homem”.

Somente aquelas almas afinadas com a Sophia (sabedoria da *anima*) – e distantes da *epistémé* árida e insípida dos espíritos proletarizados na fábrica das universidade – é que podem caminhar com maior leveza na profundidade de nossas pluralidades, idiossincrasias, contradições, buscas de coerências, renúncias e testemunhos... como uma espécie de “cavaleiro monge”:

“Do vale à montanha”

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por casas, por prados,
Por Quinta e por fonte,
Caminhais aliados,
Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por penhascos pretos,
Atrás e defronte,
Caminhais secretos.
Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por quanto é sem fim,
Sem ninguém que o conte,
Caminhais em mim.
(Fernando Pessoa, 24/10/1932)

Marcos de uma mesma nau, “caminhais em mim”, diz o poeta no poema, posteriormente musicado por Tom Jobim e que conta, entre outras, com uma belíssima interpretação, ao modo de fado, na voz da conterrânea portuguesa Mariza.

Caminho e navegação, a inquietação presente dos peregrinos, poetas da busca. Outra faceira importante a ressaltar é que Rogério de Almeida é, igualmente, poeta. Subespécie de *demens* insurrectos ao *sapientis* predominante.

É é, precisamente, dessa subespécie que necessitamos no deserto das universidades e das escolas, para possibilitar um encontro possível. Sugerir a autoformação que, muito mais vigorosa, experimental e vivencial, escapa a toda “grade” curricular com seus ferros cruzados e soldados a bloquear-nos as janelas da alma, a embotar sensibildades na “santa cruzada” dos conteúdos, competências, habilidades e tantos outros modismos e penduricalhos do modelo escolar que sufocam as presenças, as existências, tais como são: pessoas.

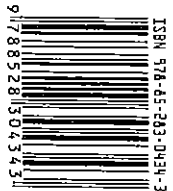
Que a leitura das pessoas aqui trazidas pela criação imortal de um Fernando ressoe em cada pessoa leitora e em todas as pessoas do leitor, pelas mãos carinhosas de um pensar navegante, à deriva trágica e sedutora do abrir-se ao imprevisível da existência, na almeida das embarcações.

Marcos Ferreira-Santos

Professor de Mitologia, livre-docente em Cultura & Educação
Faculdade de Educação – USP

Que a leitura das pessoas aqui trazidas
pela criação imortal de um Fernando
ressoe em cada pessoa leitora e em todas
as pessoas do leitor, pelas mãos carinhosas
de um pensar navegante; à deriva trágica e
sedutora do abrir-se ao imprevisito da
existência, na almeida das embarcações.

Marcos Ferreira-Santos



edue

O CRIADOR DE MITOS

Rogério de Almeida

Rogério de Almeida

IMAGINÁRIO
E EDUCAÇÃO
EM FERNANDO PESSOA

O CRIADOR
DE MITOS

edue